

## A CICATRIZ CLARA

R. A

Em homenagem a Graciliano Ramos, nos trinta anos de sua morte, nossa sexta *Tavessia* tenta desvendar alguns aspectos da obra deste escritor, ao mesmo tempo, regionalista e moderno.

Junto ao artista da harmonia, que diante da crise, retém e articula o que, no real, se apresenta deslocado ou invertido, agita-se um outro que busca evitar submissões indecorosas. Este segundo Graciliano aguça conflitos e adensa águas mornas para obter uma solução mais rica e substanciosa. Contudo, certos pontos permanecem intocados. Absolutizando a razão, Graciliano não chega a radicalizar elementos fantásticos, que se encontram nos seus contos. Assim, um ranço narcisismo, aliado a uma ética vigilante, há de atravessar seus últimos volumes, *Viagem* e suas *Memórias do cárcere*. O espelhamento da vida nos fragmentos de evocação, a homologia entre viver e escrever, a impossibilidade de fechar o texto, junto à ênfase conclusiva, a provação no sacrifício que legitima, no fundo, a autoridade combatida e ambicionada — eis alguns dos traços mais constantes da obra de Graciliano Ramos.

Reunimos neste número artigos dos professores da casa que abordam aspectos expressivos de suas letras. Edda Arzúa Ferreira estuda a representação realista e o estranhamento do discurso em *Vidas Secas* e *São Bernardo*.

Sobre pormenores lingüísticos temos três contribuições. Com posições teóricas divergentes, Carmen Lydia Souza Dias e Carmen Lúcia Cruz Lima estudam o vocabulário de *Angústia* e *Infância*, respectivamente. Carmen, carmina. O terceiro artigo da série analisa a função poética deste último romance em sua versão ao espanhol. Por último, Janer Cristaldo associa dois mortos de trint'anos: Major Graça e o camarada Stalin. Heresia?

*Travessia* 6 guarda, enfim, seu canto de afarrábios. O artigo com que Salim Miguel evocou o escritor recentemente falecido nas páginas de *Sul* e outro de Eunaldo Verdi, relembrando a passagem de Graciliano por Joinville, além de três textos raros do autor de *Vidas Secas*: um pequeno ensaio sobre o romance do pós-modernismo, que publicou no

primeiro número da revista *Literatura* de seu amigo Astrojildo Pereira, o mesmo que mereceu sua confiança por ter resistido às cooptações oficiais estadonovistas, numa banca de bananas . . . O segundo, "Viver em paz com a humanidade" é o discurso pronunciado durante os trabalhos do IV Congresso de Escritores, em Porto Alegre (1951) ao passo que o terceiro é uma crônica da fase anterior — pleno Estado Novo e o Brasil aliado na guerra.

Foi publicada em fins de 1942 numa revista do DIP, *Cultura Política*, onde Graciliano manteve colaborações assíduas, entre 1941 e 1944. A crônica, ao que me consta, não foi até hoje, recolhida em volume.

Registro, por último, nossa capa, que reproduz a de uma pioneira revista *Sul*. O desenho de Martinho de Haro captou, então, a expressão do romancista aqui homenageado.

O discurso de Graciliano — sol de navalha — ainda se revela, como quer o poeta João Cabral, estridente, a contrapelo, imperioso.

R. A.



Ilustrações de Santa Rosa para as capas das primeiras edições de *Angústia* (no alto) e *Vidas Secas* (embaixo)



Ilustração de Faiga Ostrower para a edição de *Histórias Incompletas* (Globo, 1946).

